

## Uma Análise dos Novos Movimentos Sociais em Londrina-PR<sup>1</sup>

Regina Célia Escudero<sup>2</sup>

Aristeu Matias Simon<sup>3</sup>

Ana Laura Matsumoto Pinheiro<sup>4</sup>

Matheus de Matos Oliveira<sup>5</sup>

Nicole Rodrigues dos Santos<sup>6</sup>

### Resumo

Trata de uma Análise dos Novos Movimentos sociais usando como estudo de campo pesquisas realizadas no Jardim União da Vitória e Flores do Campo. O projeto propõe analisar e discutir o surgimento dos Movimentos Sociais e sua natureza atual. Serão examinadas definições dos Novos Movimentos Sociais e seus diferenciais com os Movimentos Sociais Tradicionais, levantando as características comunicacionais que os diferenciam ou relacionam.

**Palavras-chave:** movimentos sociais; novos movimentos sociais; ocupações urbanas.

### Metodologia

A interpretação hermenêutica em profundidade (HP) é a metodologia que sustenta nosso projeto de pesquisa “Análise da comunicação pública nos processos reivindicatórios dos movimentos sociais da atualidade em Londrina-PR”, a partir de Thompson (1995). Segundo ele, a interpretação hermenêutica é um método de compreensão das formas simbólicas que perfazem o *mundo social*, as

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Espaço Urbano, Cultura da Cidade e Varejo, do Encontro de Pesquisadores em Comunicação e Cidades - COMCID, realizado no dia 04 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Regina Célia Escudero - Universidade Estadual de Londrina – E-mail: reginac.escudero@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduando em Relações Públicas, graduado em Design Industrial, especialista em Ergonomia e em Gestão industrial e Negócios – Universidade Estadual de Londrina – E-mail: aristeu.simon@gmail.com.

<sup>4</sup> Graduanda em Relações Públicas – Universidade Estadual de Londrina – E-mail: analauamtss@hotmail.com.

<sup>5</sup> Graduando em Relações Públicas e técnico em Informática – Universidade Estadual de Londrina – E-mail: mmatos.oliver@gmail.com.

<sup>6</sup> Graduanda em Relações Públicas – Universidade Estadual de Londrina – E-mail: nickcolesantos@gmail.com.

quais “são construções significativas que exigem uma interpretação; elas são ações, falas, textos que, *por serem* construções significativas, podem ser compreendidas.” (THOMPSON, 1995, p. 357).

Thompson (1995) acredita que tal análise deve situar-se no contexto sócio histórico de sua construção porque a avaliação sistemática das formas simbólicas do mundo social não é suficiente para a compreensão do contexto sócio histórico que as envolve. Tais avaliações, afinadas às metodologias funcionais e positivistas da pesquisa social, objetivam, mas não compreendem o fenômeno em sua profundidade, neste caso, podem ser utilizadas como recursos complementares de análise.

As produções simbólicas que expressam a natureza do mundo sócio histórico não podem ser consideradas como um *campo-objeto*, que pode ser observado objetivamente, mas como um *campo-sujeito*, pois são elaboradas a partir de um processo contínuo de reflexão do sujeito sobre a realidade construída por ele mesmo, ao buscar compreender a si próprio por meio dela. Thompson (1995) considera que tanto os analistas como os sujeitos envolvidos na análise hermenêutica \_ *campo-sujeito-objeto* \_ agem motivados pela reflexão e avaliação da realidade circundante. Os resultados desta análise hermenêutica podem ser apropriados pelos sujeitos e influenciar na transformação da realidade sócio histórica, embora este não seja o objetivo e nem o critério de validação deste método investigativo. Para Thompson:

O mundo sócio-histórico não é apenas um *campo-objeto* que está ali para ser observado; ele é também um *campo-sujeito* que é construído, em parte, por sujeitos que, no curso rotineiro de suas vidas quotidianas, estão constantemente preocupados em compreender a si mesmos e aos outros, e em interpretar as ações, falas e acontecimentos que se dão ao seu redor (THOMPSON, 1995, p. 358).

Thompson (1995) considera que a compreensão do mundo social não é feita de modo isolado pelo homem, ao contrário, ela é mais ampla do que a somatória de opiniões, pois embute construções históricas coletivas, o que vem ao encontro dos objetivos e do campo de análise deste projeto.

As formas simbólicas são produzidas (faladas, narradas, inscritas) e recebidas (vistas, ouvidas, lidas) por pessoas situadas em locais específicos, agindo e reagindo a tempos particulares e a locais especiais, e a reconstrução desses ambientes é uma parte importante da análise sócio histórica (THOMPSON, 1995, p.366).

## Procedimentos Metodológicos

**Hermenêutica da Vida Quotidiana:** “interpretação da doxa”, definida como a fase preliminar e fundamental neste tipo de investigação. O objetivo desta fase é a “elucidação das maneiras como as formas simbólicas são interpretadas e compreendidas pelas pessoas que as produzem e as recebem no decurso de suas vidas quotidianas, este momento etnográfico é um estágio preliminar indispensável ao enfoque HP.” (THOMPSON: 1995 p. 363) Ou seja, é um momento de reinterpretar as opiniões, crenças, e demais formas de posicionamento das pessoas que formam o mundo social.

Segundo Thompson (1995), a **interpretação da doxa** é fase fundamental e o ponto de partida da metodologia da Interpretação Hermenêutica, mas não seu fim. É preciso ir além desta interpretação, avançando às demais fases propostas pelo autor, a fim de garantir a complexidade deste processo metodológico de interpretação da realidade, denominada como o campo-sujeito-objeto da pesquisa. As demais fases deste referencial metodológico da Hermenêutica em Profundidade são: **análise sócio histórica; análise formal ou discursiva; interpretação/reinterpretação.**

Na fase de **Interpretação da Doxa** serão analisadas, pelos participantes do projeto, as formas simbólicas apresentadas na esfera pública, tanto interacional quanto de multimídia, que abordam fatos envolvendo os Movimentos Sociais de Londrina.

Além da *interpretação da doxa*, serão realizadas pesquisas em duas outras dimensões: *análise sócio histórica* e *interpretação/re-interpretação*.

**Análise sócio histórica:** análise que pode envolver situações espaço-temporais; campos de interação; instituições sociais; estrutura social; e meios técnicos de transmissão. Segundo Thompson (1995), “o objetivo da análise sócio histórica é reconstruir as condições sociais e históricas de produção, circulação e recepção das formas simbólicas”. (THOMPSON:1995, p.366). Neste momento serão realizadas entrevistas em profundidade e grupos de foco com vários representantes dos Movimentos Sociais definidos pela pesquisa, a fim de conhecer a história do movimento a partir de seus relatos, na perspectiva de sujeitos individuais e coletivos, ou seja, visando compreender a forma como este sujeito e seu grupo se vê simbolicamente no Movimento e como os Movimentos são vistos pela sociedade, a partir do processo simbólico das mídias e dos formadores da opinião pública na esfera pública local.

**Interpretação/Re-interpretação:** É um momento de síntese desta proposta metodológica, no qual as diferentes etapas da pesquisa são interpretadas abrindo-se à possibilidade de diferentes significados, é um momento de “construção criativa”, segundo Thompson (1995).

O processo de interpretação, mediado pelos métodos do enfoque da HP, é simultaneamente um processo de reinterpretação. (...) Ao desenvolver uma interpretação mediada pelos métodos do enfoque da HP, estamos reinterpretando um campo pré-interpretado; estamos projetando um significado possível que pode divergir do significado construído pelos sujeitos que constituem o mundo social. (THOMPSON: 1995, p. 376)

Neste processo de interpretação/re-interpretação pode surgir um conflito, denominado pelo autor de “potencial crítico da interpretação”, entre a interpretação do que já foi interpretado pelo sujeito da campo-sujeito-objeto da pesquisa. Este conflito, no entanto, é definido pelo autor como o “ponto crítico” do enfoque metodológico da HP. O retorno a este sujeito a fim de avaliar e estimular sua autorreflexão sobre os resultados é uma forma de minimizar este “conflito”. É neste momento de construção criativa que há um maior vínculo com o grupo pesquisado e este passa a perceber-se sujeito na pesquisa e elaborador de propostas de intervenção na sua realidade. São estas propostas que irão subsidiar as atividades de extensão deste projeto, as quais caminharão concomitantemente à realização das atividades de pesquisa, segundo a metodologia proposta.

Pretende-se, nesta fase, realizar:

- A apresentação dos relatórios das entrevistas, mídias e grupos de focos aos atores envolvidos, buscando a autorreflexão a respeito destes resultados, enquanto produto simbólico;
- A organização coletiva das propostas de extensão;
- A divulgação dos resultados a população pesquisada e à população em geral.

### Movimentos Sociais Tradicionais e Contemporâneos

Doug McAdam, Sidney Tarrow e Charles Tilly (2009, p. 21), teóricos da Teoria do Confronto Político, vêm se esforçando nas últimas décadas para encontrar uma definição de movimentos sociais. Segundo sua definição,

um movimento social é uma interação sustentada entre pessoas poderosas e outras que não têm poder: um desafio contínuo aos detentores de poder em nome da população cujos interlocutores afirmam estar ela sendo injustamente prejudicada ou ameaçada por isso. [...] Nós nos concentramos nas relações dominantes-subordinados baseados na hipótese de que o confronto que envolve uma desigualdade substancial entre os protagonistas tem características gerais distintivas que ligam movimentos sociais a revoluções, rebeliões e nacionalismos de base popular.

Neste sentido, os movimentos sociais são definidos a partir dessa *relação de poder* e Tilly (2010) aponta que nessa relação, os movimentos sociais são um contrapeso ao poder opressivo.

Este poder circula por todo o corpo social, nas mais diferentes esferas estruturadas e relações sociais – e, portanto, circula pelas esferas econômica, política-jurídica-militar e também na esfera ideológica-cultural.

Resultado destas relações de poder, os movimentos sociais surgem para organizar uma força social que tem por objetivo modificar a relação de poder estabelecida.

Os movimentos sociais que surgiram são a síntese de três elementos fundamentais:

Um esforço público sustentado de elaboração de reivindicações coletivas direcionadas a determinadas autoridades (esforço que pode ser chamado de **campanha**); O emprego de combinações dentre as seguintes formas de ação política: criação de associações e coalizões para finalidades específicas, reuniões públicas, desfiles solenes, vigílias, comícios,



demonstrações, iniciativas reivindicatórias, declarações para e nos meios de comunicação de massa, e panfletagem (esse conjunto variável de atividades pode ser chamado de **repertório** dos movimentos sociais); e **Representações públicas concertadas de VUNC** (valor, unidade, números e comprometimento) por parte dos participantes... (TILLY, 2010, p, 136-137, *grifo nosso*)

Essas demonstrações de VUNC podem ser explicadas como:

- Valor – Como princípios dos movimentos sociais;
- Unidade – Identidade do movimento social;
- Números – Apoio, quantidade de pessoas;
- Comprometimento – Adesão à causa pelos participantes.

Os movimentos sociais, contudo, não são apenas agrupamento de pessoas em prol de algo comum.

É possível perceber o surgimento de movimentos sociais a partir do século XVIII e, neste contexto, mudanças históricas ocorreram das quais podemos destacar:

- Formação de governos fortes;
- Formação de organizações populares reivindicando algo a esses governos;
- Desenvolvimento nos transportes e nas relações comerciais;
- Aumento da capacidade de ler e escrever e
- Surgimento de novos meios de comunicação.

Na contemporaneidade, as sociedades evoluíram adquirindo um aspecto global (principalmente após os processos de mundialização e globalização do consumo e da informação, facilitados pela rede mundial de computadores – Internet).

A sociedade em rede (CASTELLS, 2013) na qual estamos imersos é uma sociedade em que o poder ultrapassa dimensões e se organiza em redes, nas diversas atividades humanas. As redes, por atuarem em diversas esferas da vida humana, acabam se tornando interligadas e cooperam entre si. Contudo, para que não existam problemas (como interferência de ação das redes umas nas outras), é necessário que o Estado crie regulações para as redes de poder, além de existir uma alternância de poder entre as redes.

Castells (2013) entende que as instituições sociais são construídas a partir dos ideais e valores daqueles que possuem o poder e o mantém através da coerção (e principalmente através da construção de significados na mente das pessoas). Contudo, as relações de poder são conflituosas e contraditórias (podemos dizer, até mesmo dialéticas) e onde há poder, existe um *contrapoder* que luta e barganha para que seus valores e ideais também sejam representados nas instituições sociais.

Os seres humanos são seres que interagem através da conexão de suas redes (neurais, biológicas) com as redes ambientais e sociais. Essa interação entre as redes humanas-ambientais-sociais ocorre através da comunicação. A comunicação é um processo de troca de informações com o intuito de construção de significados. Com o avanço tecnológico é possível comunicar para todas as dimensões da vida social (CASTELLS, 2013).

Na era da informação, a produção comunicacional mudou, passando a ser entendida como uma *autocomunicação*:

É comunicação de massa porque processa mensagens de muitos para muitos, com o potencial de alcançar uma multiplicidade de receptores e de se conectar a um número infindável de redes que transmitem informações digitalizadas pela vizinhança ou pelo mundo. É autocomunicação porque a produção da mensagem é decidida de modo autônomo pelo remetente, a designação do receptor é autodirecionada e a recuperação de mensagens das redes de comunicação é autosselecionada (CASTELLS, 2013, p. 15).

Os movimentos sociais têm como característica a construção de *contrapoder* (como pôde-se observar segundo as análises de Tilly, 2009) baseando-se em um processo de comunicação autônomo. Para que a comunicação seja eficiente, existem duas premissas básicas: a construção de uma consonância entre emissores e receptores, e um veículo eficaz.

Diante desta breve discussão histórica-social, foi possível realizar um breve levantamento sobre os movimentos sociais.

Estes movimentos, que são entendidos como uma reação de *contrapoder* ao poder hegemônico que oprime, desvaloriza e desconsidera as populações injustiçadas, se moldam conforme o momento histórico vivido e adquirem características específicas com o passar do tempo e espaço.

Pode-se observar que os movimentos sociais tradicionais (conforme apontado por Tilly, 2010) possuem como característica a presença de campanhas (reivindicações direcionadas), repertório e

VUNC (valor, unidade, número e comprometimento). Já os movimentos contemporâneos, descritos por Castells (2013), possuem estas características de reação contra hegemônica, contudo com atuação em rede (devido a nova configuração social).

Esta atuação em rede, dos movimentos, quebra barreiras espaciais e possibilita grandes mobilizações e organização através da internet. Como características, os novos movimentos sociais não possuem uma figura fixa de poder. Este poder é alternado entre os membros da(s) rede(s) que compõem os movimentos sociais, que na rede superam o medo e passam a atuar enquanto um ator coletivo, segundo Castells (2013). Além disso, os movimentos possuem base na comunicação, que busca construir uma horizontalidade entre os emissores e receptores de mensagens, além de construir um veículo comunicacional eficiente e autônomo.

É fundamental enfatizar que tais movimentos ocorrem em redes sociais tanto virtuais quanto locais, sendo estes espaços locais por vezes a manifestação dos movimentos nos espaços públicos ou mesmo a sua manutenção e expansão para outros locais e formatos.

Entre as características que definem estes movimentos destacamos:

- São simultaneamente locais e globais;
- Têm sua própria forma de tempo: o tempo atemporal, livre de restrições cronológicas;
- Não são violentos;
- Raramente são programáticos: têm muitas demandas vindas dos diferentes participantes do movimento. “Isso é tanto sua força (um amplo poder de atração) quanto sua fraqueza (como se pode realizar alguma coisa quando os objetivos a serem alcançados são indefinidos?)” (CASTELLS. 2013, p. 165)

De modo geral, os Novos Movimentos Sociais são uma ruptura com o projeto político democrático das sociedades atuais, uma ruptura também com o modelo dos representantes políticos que se colocam a postos nas mais diversas instituições, não deixando brechas para serem cooptados por partidos políticos, sindicatos.

“Pretendem transformar o Estado, mas não se apoderar dele. (...) Projetam uma nova utopia de democracia em rede baseada em comunidades locais e virtuais em interação. Mas utopias não são meras fantasias. (...) Porque as utopias tornam-se forças materiais ao se incorporar à mente das



# COMCID

ENCONTRO DE PESQUISADORES  
EM COMUNICAÇÃO E CIDADES

pessoas, ao inspirar seus sonhos , guiar suas ações e induzir suas reações.”(CASTELLS. 2013, p. 165)

Os movimentos sociais tradicionais na visão de Marx, são uma reflexão das lutas sociais, sendo uma ferramenta de combate para as condições existentes na sociedade, como precariedade econômica e opressão sociopolítico e cultural. Já os chamados novos movimentos sociais, deixam um pouco de lado a práxis marxista, pois há uma clara mudança no sentido das reivindicações econômicas para culturais, porém, as lutas de classe e ideológicas continuam se fazendo presente.

## **União da Vitória**

União da Vitória, também chamado de Jardim União da Vitória, é um bairro localizado na Zona Sul de Londrina. Formado por diversos conjuntos, tem cerca de dezesseis mil habitantes. É uma comunidade precária que pede escolas, capacitação para o trabalho e áreas de lazer.

Segundo Camponez (2005), o União da Vitória começou a se formar em 1985 a partir de uma ocupação efetivada por algumas famílias em um terreno da COHAB (Companhia de Habitação) de Londrina. A princípio, essas famílias migraram de zonas rurais em busca de melhores condições de vida.

Nesse mesmo ano, 1985, algumas famílias saíram de outras favelas para ocupar o terreno da COHAB, que entrou com um processo de imediato – a Companhia ganhou a causa. Entretanto, as famílias se recusaram a sair do terreno gerando um conflito que quando noticiado pela imprensa repercutiu tanto que a cidade, o movimento estudantil universitário, a pastoral operária, a pastoral da terra, a Federação de Assentamentos e Favelas de Londrina, entre outras entidades começaram a dar apoio à causa em defesa à moradia das famílias.

Tudo isso acabou chegando para os poderes executivo e legislativo, que depois de um longo processo, decidiram por despejar as famílias com “ajuda violenta” da polícia. As famílias então decidiram ficar acampadas em um terreno próximo à Prefeitura Municipal.

Com uma comissão formada, um grupo de famílias, foi até Apucarana e abordou o governador do Estado – José Richa – e o prefeito da cidade – Wilson Moreira – para conscientizá-los

COMCID

ENCONTRO DE PESQUISADORES  
EM COMUNICAÇÃO E CIDADES  
UEL - 2018

da, até então, atual situação. Foi negociado, então, que cada família receberia um lote de terra, mas que deveria ser destinado apenas para agricultura e não moradia.

Já em 1989, Antonio Belinati, prefeito da época, prometeu legalizar a situação dos terrenos das famílias. Em 1990, Belinati entregou mil e oitocentos títulos de propriedades para moradores de quatorze bairros de Londrina, entre eles estava o União da Vitória. Contudo, eram títulos falsos.

Foi só com o Luiz Eduardo Cheida na prefeitura, em 1996, que a COHAB começou o processo de cadastramento das 1577 famílias que já moravam no terreno. Com a regularização do bairro as obras executadas foram reivindicadas e acompanhadas de perto pelos moradores do Jardim União da Vitória, e sempre que preciso, eram organizados protestos para pressionar o poder público.

Esses foram apenas alguns dos conflitos que ocorrem na formação do União da Vitória. Maria da Paz, uma das primeiras moradoras do bairro, contou para a professora Maria José Ferreira Ruiz (docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Londrina - UEL) em um artigo publicado na Revista HISTEDBR On-line:

Quando eu cheguei era em torno de quinze a vinte casinhas aqui no bairro. Hoje a gente tem farmácia, mercado muito bom, lutamos pela água, pela luz, pelo asfalto, pelo posto de saúde, pelas escolas. Hoje o melhor posto de saúde da região é o nosso, atende dezesseis horas. Enfrentamos polícia. Fomos presos na época. Eu não fui porque fui esperta porque corri [risos]. Mas, os meus parceiros de luta foram presos. Me lembro como se fosse agora. Arrumamos um advogado, fomos no Banco. Ele tirou uma quantia, pagamos a fiança e liberamos todo mundo, graças a Deus. E aí o bairro só foi evoluindo. Ainda tem muito problema, mas teve muita evolução sim. (MARIA DA PAZ, 2011 *apud* RUIZ, 2014, p. 290).

É evidente que o bairro mais pobre de Londrina aos poucos teve conquistas e evoluiu à custa da própria população. As conquistas são fruto do esforço coletivo dos moradores, que para terem seus direitos atendidos se fazem perceber através de diversas mobilizações.

Atualmente o bairro é dividido em seis partes: União da Vitória I, II, III, IV, V e VI. Algumas dessas estruturas ainda estão bem precárias, outras já mais organizadas. Este é o maior bairro de Londrina, e hoje “tem visibilidade no município pela sua capacidade popular e de enfrentamentos coletivos para dar encaminhamentos aos problemas que surgem no cotidiano” (Camponez, 2005).

Além de tudo isso, uma pesquisa realizada em um projeto multidisciplinar (César, 2001), por acadêmicos e professores dos cursos de comunicação, biblioteconomia e estatística da Universidade Estadual de Londrina entre 2003 e 2004, constatou que grande parte dos moradores do Jardim União da Vitória sofrem com problemas como o desemprego, baixa escolaridade, falta de qualificação profissional, entre outros.

A pesquisa entrevistou 764 famílias, dando um total de 3.000 pessoas. As perguntas realizadas foram decididas com a participação de membros de um conselho local que representa 12 entidades do bairro. A pesquisa foi aplicada por agentes de saúde da Unidade Básica de Saúde do bairro, trabalharam com voluntários nesse processo.

Das famílias entrevistadas 71% possuem renda superior a um salário mínimo e em 60% desses casos a renda se dá por conta dos auxílios de programas assistenciais. Além disso, entre os adultos consultados 66% não estão preparados para o mercado de trabalho, ou seja, não participam de nenhum curso ou capacitação oferecida nas escolas locais.

Em relação à instrução e educação, 64% dos idosos respondentes, mais da metade deles, são analfabetos. Já para os jovens/adultos os resultados são de 9% que não sabem ler.

O fato de morar nesse bairro e a falta de qualificação profissional impede que muitos dos moradores consigam vagas no mercado de trabalho, o que gera grande sentimento de insegurança. E a falta de comprometimento do governo e a forma como a mídia retrata essa comunidade, provoca um desfavorecimento para essa população que vive de forma desigual quando comparada ao resto de Londrina.

### **Flores do Campo**

A ocupação iniciou no dia 01 de outubro de 2016, quando cerca de mil famílias ocuparam as obras do conjunto habitacional Flores do Campo que estava abandonada há aproximadamente dois anos sem a conclusão das casas. Muitas das famílias eram formadas por moradores de rua e desempregados sem condição de manter uma habitação, e por cadastrados em programas sociais de

habitação como o Minha Casa Minha Vida e vinculados a COHAB, todavia com as obras estagnadas e sem condições de manter um teto, optaram por ocupar o local.

O empreendimento é derivado de recursos federais no programa Minha Casa Minha Vida, juntamente com a Caixa Econômica Federal e foi projetado para 1.218 unidades, que seriam divididas entre casas geminadas, isoladas, sobrepostas e apartamentos, todos com área útil entre 39,44 m<sup>2</sup> e 41,56 m<sup>2</sup>. O empreendimento deveria atender as famílias cadastradas na Cohab, que pagariam prestações entre R\$ 25 e R\$ 80, de acordo com a renda de cada família.

Conforme descrições do projeto pela COHAB, o bairro teria iluminação pública, redes de energia, água e esgoto, drenagem de águas pluviais, pavimentação em concreto betuminoso, passeio em concreto, arborização e muros de arrimo entre as casas e na divisa do loteamento. Porém com as obras paradas há mais de 2 anos o que se vê no local é um abandono estrutural e obras inacabadas que degradam-se com a exposição e o tempo.

A população na ocupação Flores do Campo possui muitos desempregados que devido a questões de localização do bairro, baixa escolaridade e situação econômica comprometida, acabam não conseguindo trabalhos formais e precisam viver de "bicos". Muitos moradores relatam o preconceito que recebem ao declararem que residem no local e que isso é motivo para não conseguirem emprego; a população é marginalizada e o local, que já é carente, tende a manter-se sem desenvolvimento. Uma espécie de segregação social que a própria sociedade e estado promovem com a falta de inclusão.

O residencial está a pelos menos dois quilômetros da maior parte dos estabelecimentos da avenida Saul Elkind, principal via comercial da região Norte, com um acesso difícil de estrada não pavimentada. Entrar no bairro em dias chuvosos é uma empreitada perigosa, já que os veículos não conseguem sair devido a um declive de mais de 500 metros de barro, sem qualquer estrutura de canalização pluvial.

O movimento social criado na ocupação Flores do Campo após seu surgimento foi alvo de várias ações e tentativas de desocupação com a reintegração de posse, ações policiais movidas a comando do Estado chegaram a entrar nas propriedades duas vezes em 2017. A população já fragilizada pela situação sócio econômica, ainda sofre com o estigma criado pela mídia ao retratar o local sob um olhar marginal.

Em contagem efetuada pela COHAB em abril haviam cerca de 109 famílias no local. Onde cerca de 78% não tinham nenhuma renda, e cerca de 17% recebia em média  $\frac{1}{4}$  de salário mínimo. Atualmente, em meados de setembro de 2018, a prefeitura ainda busca possibilidade para direcionar as famílias que habitam o local, tendo como intenção distribuir o pessoal para habitações em terrenos públicos. Porém, sem definições, os moradores da ocupação contam com os apoios de grupos e Ongs que procuram dar o suporte jurídico como o LAJUP (Lutas Assessoria Jurídica Universitária Popular) e também do MARL (Movimento de Artistas de Rua de Londrina) para que a população não seja ainda mais prejudicada em sua relação com o Estado.

### **População Invisível**

Em um Estado que assegura direito a todos, encontra-se a população invisível – uma população criminalizada, estigmatizada, segregada e invisível aos olhos da sociedade e das políticas públicas. Além das dificuldades econômicas e sociais, essas populações são habitualmente colocados à margem do restante da população, formando um pano de fundo nas zonas urbanas.

Figueiredo e Guerra (2016) afirmam que por mais invisível que essa população seja, a sociedade transita por elas diariamente – seja em qualquer lugar público, nas ruas, semáforos, praças – são homens, mulheres e crianças que não possuem um lar, uma moradia para habitar dignamente. Assim, a sociedade transforma essa população em “ninguém”, em seres “invisíveis” não merecedores de respeito e sensibilidade. Torna-se um cenário urbano real, de um corpo social carregado de preconceito.

A falta de estrutura social e de políticas públicas atuam como fatores desencadeadores dessa invisibilidade social. Figueiredo e Guerra (2006, p. 15) anunciam:

Diante do atual quadro social brasileiro, torna-se urgente a necessidade de maior preocupação em relação à efetivação dos direitos da população em situação de rua. As violações aos direitos dessa população são constantes e nos mais diversos sentidos. Quando não pela omissão do Estado em sua tarefa de prover o essencial no que diz respeito à saúde, emprego, moradia, entre outros, pela violência por parte dos operadores do sistema punitivo criminal.

## Considerações Finais

O presente trabalho é uma breve apresentação sobre o projeto “Análise da Comunicação Pública nos Processos Reivindicatórios dos Movimentos Sociais da Atualidade em Londrina-PR” que tem por intuito desenvolver uma ação de pesquisa e extensão que visa entender os processos comunicacionais envolvidos nas ações reivindicatórias dos novos movimentos sociais na cidade de Londrina.

Com o presente trabalho foi possível realizar uma revisão sobre o que são os movimentos sociais, suas características na contemporaneidade e o que os diferenciam dos movimentos sociais na sua gênese, diferenças estas principalmente na sua forma de atuação e organização que estão diretamente ligadas à forma como a sociedade se organiza.

Também foi discutido sobre a construção dos movimentos sociais de Londrina-PR, com foco no movimento da moradia, onde discutiu-se a história do Jardim União da Vitória (que é um exemplo sobre a atuação dos movimentos sociais nos processos reivindicatórios) e onde se abordou a construção de um novo movimento de moradia londrinense, que é a ocupação do Jardim Flores do Campo.

Por fim abordou-se a invisibilidade da população marginalizada e a necessidade de se discutir ações que reintegrem as populações invisíveis e que garanta uma atenção integral dessas pessoas, que tanto sofrem por preconceito e violação de direitos básicos do ser humano.

Como próximas ações a serem tomadas, pretende-se prosseguir na aplicação da metodologia Hermenêutica em Profundidade na comunidade em análise (o Jardim Flores do Campo) e prosseguir com a discussão sobre os processos de comunicação pública envolvidos na atuação deste novo e importante movimento social londrinense.

## Referências

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013

CAMPONEZ, Adriana Andrela. **A politização do urbano**: a experiência dos moradores do Jardim União da Vitória na conquista dos direitos de cidadania e da cidade. 2005. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Londrina.

CÉSAR, Regina Escudero et al. **Elaboração, aplicação e disseminação de campanhas de opinião pública como estratégia de relações públicas**. Londrina, 2001. Projeto de pesquisa executado nos Departamentos de Comunicação, Matemática Aplicada e Estatística e Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina.

FIGUEIREDO, Eduardo Henrique Lopes de; GUERRA, Daniela de Lima Ranieri. Da população em situação de rua: a criminalização do invisível. **Ripe – Revista do Instituto de Pesquisas e Estudos**, Bauru, v. 50, n. 66, p.160-176, jul./dez. 2016.

LAJUP - Lutas Assessoria Jurídica Universitária Popular. **Ocupação Flores do Campo Londrina**. Disponível em: [https://www.facebook.com/lutas.ajup/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/lutas.ajup/?ref=br_rs). Acesso em: 25 out. 2018.

LOBATO, Anderson O. C. Movimentos em rede e movimentos tradicionais: perspectivas e inovações da análise da teoria dos movimentos sociais. **Júris**, Rio Grande, v. 21, p. 91-118, 2014.

MCADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. Para mapear o confronto político. **Lua Nova**, São Paulo, n. 76, p. 11-48, 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-64452009000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64452009000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 16 set. 2018.

NEVES. Edson. **Cohab coleta informações de famílias do Flores do Campo**. Bondenews. ed. 21 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.bonde.com.br/bondenews/londrina/cohab-coleta-informacoes-de-familias-do-flores-do-campo-460441.html>. Acesso em: 25 out. 2018.

Ocupação Flores do Campo. Facebook. **Ocupação Flores do Campo Londrina 2018**. Disponível em: [https://www.facebook.com/OcupaFloresDoCampo/?ref=br\\_rs](https://www.facebook.com/OcupaFloresDoCampo/?ref=br_rs). Acesso em: 25 out. 2018.

TILLY, Charles. Movimentos sociais como política. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 3, p.133-160, 2010.

RUIZ, Maria José Ferreira. Histórias e memórias das lutas populares pela escola pública no Jardim União da Vitória – Londrina-PR (1990-2009). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 13, n. 54, p. 282-299, mar. 2014. ISSN 1676-2584. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640183>>. Acesso em: 27 out. 2018.

WILTEMBURG. Luis Fernando. **Grupo define áreas para receber moradores do Flores do Campo**. Folha de Londrina. ed. 08 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/geral/moradores-do-flores-do-campo-sao-notificados-de-reintegracao-1013208.html>. Acesso em: 25 out. 2018.